



Luis Antonio Costa/AE

Gusmão: carregar jóias pode afetar saúde

Riso é melhor que tiroteio 24+

Em uma manhã de 1984, o vendedor de jóias Renato Gusmão Teixeira de Andrade entra na garagem da Emurb, ao lado da Igreja da Consolação, em São Paulo, com uma mala-mostruário que pesava nove quilos, quando percebeu que dois rapazes se aproximavam para assaltá-lo. "Como tenho porte de arma, saquei o revólver, apontei para os assaltantes e ordenei que corressem", conta ele. Quando o vendedor, enfim livre dos bandidos, entrou em seu carro, tremia sem parar, apresentava palpitações e falta de ar. "Passei mal o dia inteiro e acabei por consultar um cardiologista", relembra. Depois de vários exames, ficou constatado que Renato escapara, por pouco, de um enfarte.

Na primeira consulta, o médico foi taxativo: "Hospital amanhã, para a colocação de

três pontes de safena". Assustado, o vendedor resolveu procurar o diagnóstico de outros especialistas, os cardiologistas Adib Jatene e José Antônio Ramicrez, que o tranquilizaram. A cirurgia não seria necessária, mas Renato teria de tomar medicamentos e levar uma vida menos agitada.

Hoje, o Procamide, o Adalat e o Sectral — remédios para regularizar a freqüência cardíaca e dilatar os vasos sanguíneos — não saem do bolso de Renato. Sua mala de nove quilos foi substituída por uma outra, mais leve.

Ainda este ano, ele foi vítima de um outro furto, desta vez bem-sucedido. "Arrancaram minha corrente folheada em ouro na praça da Sé", conta. Sua reação foi oposta à de cinco anos atrás: em vez de puxar a arma, começou a rir sem parar.